



Projeto Latino Americano

O Movimento Sindical Diante Dos Desafios Da Crise

**Relatório do Encontro de Intercâmbio
Sindical do Cone Sul**

**Transnationals Information Exchange
2002**

Publicado por: Transnationals Information Exchange
Texto: Taller de Estudios Laborales - TEL-Argentina
Tradução: Maurício Minolfi
Editor: Sérgio Luís Bertoni
Capa: TIE -Brasil
Impresso em Abril de 2002.

O conteúdo dessas palestras foi desenvolvido durante as reuniões e debates ocorridos no Primeiro Encontro de Trabalhadores no Cone Sul realizado em Buenos Aires em janeiro de 2002.

© 2002, Transnationals Information Exchange

Projeto Latino Americano

O Movimento Sindical Diante Dos Desafios Da Crise

Relatório do Encontro De Intercâmbio Sindical Do Cone Sul

(Buenos Aires, 20 a 22 de Janeiro de 2002)

Este seminário e publicação somente foram
possíveis graças ao apoio de
P.S.O.

ÍNDICE

Introdução	5
O Encontro	7
A Mesa Redonda-Debate	8
Anotações sobre as intervenções	12

Movimento Sindical diante dos desafios da crise”

Introdução

Durante os dias 20, 21 e 22 de Janeiro de 2002, respondendo a uma convocatória **do Taller de Estudios Laborales (TEL)**, sindicalistas de Brasil, Uruguai, Chile e de nosso país reuniram-se para analisar e debater os principais problemas e desafios que enfrenta o movimento sindical e operário na atualidade.

Colaboraram com a organização do encontro os escritórios de **Transnationals Information Exchange (TIE) de Brasil e Chile**.

A proposta foi oferecer um espaço, por fora dos âmbitos orgânicos de discussão e decisão, onde os assistentes pudessem refletir e trocar idéias, colocando livremente dúvidas, idéias não elaboradas totalmente, e preocupações.

Consideramos que esse tipo de espaços informais são sempre necessários, já que os compromissos e obrigações dos âmbitos orgânicos colocam inevitavelmente certas limitações à reflexão coletiva. Mas, são ainda mais necessários em momentos de crise e de mudanças rápidas como as que estamos vivendo, já que enfrentamos desafios graves e urgentes, com muitas novidades, e muitas verdades prévias resultam, pelo menos, insuficientes.

A possibilidade de realizar esta reflexão junto à militantes de diferentes ramos de produção, com diferentes níveis de responsabilidade e provenientes de vários países e províncias fizeram com que o mesmo fosse ainda mais interessante.

Não tínhamos nos proposto chegar a acordos e conclusões específicas, e por isso a discussão girou em torno de temas mais gerais. No entanto, acreditamos que o resultado não foi uma divagação sem objetivos – já que os participantes são todos militantes diretamente vinculados e comprometidos com lutas sociais e políticas concretas dos Trabalhadores e do povo. Nossa aposta é que todos levem deste encontro conceitos, contatos e propostas de ação que sirvam para elevar sua capacidade de luta cotidiana nos lugares de trabalho, nos seus sindicatos e na sociedade.

Constam aqui as opiniões e conceitos mais destacados, no nosso entender, ditos e ouvidos durante o Encontro Sindical do Cone Sul. Podemos concordar com alguns e discordar com outros. De fato, nós do TEL não concordamos com muitos deles. Apesar disso, acreditamos que são úteis para estimular, ordenar e enriquecer a análise política. Constituem temas e idéias para serem incorporadas num debate que apenas começa.

Agradecemos ao TIE, a Casa de Nazareth, a Federação Judicial Argentina, a ATE-Sur e a todos os companheiros e organizações que de uma ou outra maneira colaboraram para que este encontro fosse possível.

TALLER DE ESTÚDIOS LABORALES
Buenos Aires, Março de 2002.

Organização e outras atividades

A atividade central do encontro foi um debate em plenária com a presença de uma quantidade limitada de convidados realizado durante os dias 21 e 22 de Janeiro.

O 22 pela noite foi organizada uma Mesa Redonda-Debate aberta ao público.

Simultaneamente, foram organizadas atividades para que os convidados estrangeiros pudessem entrar em contato com organizações populares.

O Encontro

O funcionamento foi em forma de plenária durante duas jornadas. Com o objetivo de organizar minimamente o debate, foram propostos dois eixos de reflexão:

1 . O primeiro dia abordou-se os principais problemas e desafios do movimento sindical e operário na hora atual.

2 . Durante o segundo dia, o eixo proposto foi tarefas e linhas de ação do movimento sindical e operário.

O caráter aberto do temário procurava deixar espaço para que os participantes pudessem colocar e compartilhar francamente suas principais inquietudes.

A Mesa Redonda-Debate

O 22 de Janeiro à tarde e como fechamento do encontro realizou-se uma mesa redonda na qual se apresentaram, e foram colocadas em discussão, as principais idéias que surgiram durante o encontro.

Aconteceu na Federação Judicial Argentina contando com a presença de cerca de 100 pessoas – pertencentes na sua maioria a organizações sindicais, sociais e políticas.

A atividades foi coordenada pelo TEL-Argentina e as exposições foram realizadas por um companheiro de cada país - eleito pelos integrantes de cada delegação. Nesse sentido, as exposições foram realizadas por Adi dos Santos Lima, de Brasil; Héctor Velázquez, de Chile; Luis Puig, del Uruguai; y Luis Bazán, de Argentina.

Outras atividades

No Domingo, 20 de Janeiro, os convidados estrangeiros foram levados para observar a Primeira Assembléia Interbarrial – que reuniu no Parque Centenário delegados de dezenas de assembléias populares de Buenos Aires.

Segunda 21, de manhã, vários participantes foram até a ponte Pueyrredón para se solidarizar com os Trabalhadores desempregados da região sul da Grande Buenos Aires, que haviam bloqueado essa via de acesso.

Realizaram-se também entrevistas com deputados federais e com a presidenta das Mães da Praça de Maio, Hebe de Bonafini.

Comentários sobre o Debate

Além do caráter internacional do evento, a situação que vive o nosso país fez com que o debate fosse centralizado na Argentina. Os convidados internacionais, solidariamente, fizeram um esforço para entender uma realidade relativamente diferente e muito complexa, acabando por analisar tudo a partir da experiência histórica dos seus próprios países.

Houve diferentes caracterizações a situação que atravessa o país, destacando-se a importância e ao mesmo tempo a dificuldade de fazer esta reflexão “no mesmo momento” em que os fatos estavam ocorrendo.

Houve acordo no que se refere ao caráter estrutural e integral da crise. Alguns falaram sobre a crise do modelo neo-liberal, enquanto que outros referiram-se a uma crise do sistema capitalista na Argentina.

Diante disto, observou-se o caráter desigual, setorial e fragmentado da mobilização e do seu conteúdo ideológico heterogêneo.

Em geral, houve acordo em assinalar as limitações do movimento sindical para orientar e elevar a luta popular, embora isso tenha sido atribuído a diferentes causas.

Existiram numerosas perguntas e questionamentos, embora com diferentes matizes, sobre o papel das organizações sindicais durante as jornadas de 19 e 20 de dezembro. O questionamento apontou a ausência das mesmas durante os fatos ocorridos e também nos dias que se seguiram.

Para explicar isso, alguns enfatizaram as concepções políticas e ideológicas da maioria dos dirigentes sindicais, enquanto que outros destacaram a fragmentação social da classe trabalhadora e as suas limitações ideológicas e políticas, a partir de concepções predominantes no seu interior.

Mas no geral, houve acordo em reconhecer as fortes limitações expressadas pelo movimento operário para desenvolver um papel principal e dar respostas adequadas aos desafios do momento.

Houve importantes diferenças em relação ao papel que poderiam haver desempenhado os sindicatos num situação de crise como a atual. Enquanto alguns afirmavam que os sindicatos pela sua natureza não podem dar as respostas necessárias, outros opinaram que os sindicatos podem desenvolver um papel de relevo nesta situação.

Houve numerosas intervenções, afirmando a imprescindível necessidade de transformar o movimento sindical. Enquanto que alguns falaram sobre aprofundar mudanças já existentes (os vinculados à CTA), outros (sem ligação a nenhuma central) mencionaram a necessidade de começar esta tarefa, resgatando somente experiências pontuais.

Foi proposto trabalhar numa perspectiva de construir organizações operárias com independência de classe, reforçar a identidade de classe e, a partir disso, definir uma política para o resto do campo popular.

Além da diversidade de visões, houve consenso sobre a necessidade de realizar o máximo dos esforços para que a mobilização popular consiga uma perspectiva própria.

A generalidade e diversidade dos temas abordados impediu que se estudassem tarefas concretas, embora algumas propostas foram efetuadas nesse sentido.

Houve acordo na necessidade de articular a organização e a luta sindical com as outras formas organizativas e de luta popular (piquetes de desempregados, “panelaços”, ações de usuários, consumidores e pequenos poupadores, etc.)

Foi proposto, por exemplo, abrir os sindicatos para que em suas sedes funcionem as assembléias populares. Também foram mencionados exemplos de articulação entre a luta sindical e as reclamações de usuários.

Ocorreram numerosas intervenções que pediram para deixar de lado os sectarismos e o dogmatismo e para que todo mundo se dispusesse a ouvir e considerar visões ou propostas diferentes das próprias.

Pedi-se que este debate fosse levado para os locais de trabalho e para coletivizar as propostas e inquietudes com a maior quantidade possível de trabalhadores.

Anotações sobre as Intervenções

Para relatar e compartilhar o conteúdo da discussão reunimos num mesmo parágrafo as opiniões coincidentes retiradas. Apresentamos, também, a seguir, em forma resumida, anotações que fizemos sobre as diferentes intervenções as quais foram agrupadas por temas. Como pode ser observado através da leitura, houve coincidências e diferenças.

Dadas as características deste encontro, decidimos transcrever as anotações que tomamos das diferentes intervenções, sem fazer referência ao expositor. Pensamos que neste tipo de debates o importante é resgatar o que foi dito e não quem o disse.

Além do mais, nada seria votado e o respaldo quantitativo das distintas posições não era relevante.

Nos parece importante destacar que conseguimos expressar e discutir as diferentes opiniões, inclusive com críticas e questionamentos diretos, com respeito e companheirismo.

A seguir, o que foi dito durante o debate:

Fragmentação e Isolamento

No Brasil, o modelo prejudicou os Trabalhadores, mas os efeitos não foram somente econômicos. Dividiu e desmobilizou. É necessário estudar e denunciar os novos métodos de produção e as estratégias empresarias no local de trabalho.

Resistiu-se à privatização, mas houve aspectos impostos pelas empresas privadas que não foram enfrentadas a fundo, como no caso do pagamento em espécie ou “bancarização” dos salários.

Há problemas em nível político-partidário, mas nos locais de trabalho também os há. Lá as empresas aumentam a exploração e nos fazem enfrentar e competir entre nós com as suas novas estratégias e métodos de trabalho. Nenhum sindicato, inclusive a CTA, que possui uma linha falara sobre estes temas.

Para se opor à fragmentação e ao isolamento, deve-se continuar no caminho, já transitado por muitos, de vincular a luta setorial com resto da sociedade e unificar as relações e as lutas com os usuários, desempregados, terceirizados, da economia informal, com vizinhos com problemas ambientais ou de segurança, etc. Vários concordaram em articular a luta sindical com o conflito social.

Outra forma de coordenar a luta sobre temas gerais entre todos os setores envolvidos é a discussão regional, como propôs um companheiro argentino do setor de laboratórios (onde perderam-se 20 mil postos de trabalho nos últimos anos) com relação a um tema vital para toda a população como é o caso dos medicamentos.

Para aumentar forças, é necessário “botar pra fora” os conflitos e vincular-se à comunidade, formando organizações de operários e vizinhos.

Pedir nos locais de trabalho que sejam preenchidos os postos de trabalho vagos. Fazer um bloco com os desempregados para reclamar de dentro e de fora.

Falta de Comunicação e Desinformação

No Brasil, a direita utiliza na sua campanha eleitoral os acontecimentos da Argentina como prova de que eles têm razão sobre a necessidade de desenvolver os programas de ajuste. Por isso a importância deste tipo de encontros para conhecer os fatos e difundir a versão operária dos mesmos. Também são necessários para desenvolver formas de unidade. Há uma campanha de intimidação que vem sofrendo o PT e que produziu assassinatos como o ocorrido com o prefeito de Santo André, no estado de São Paulo.

É necessário denunciar o chamado modelo chileno, que é mostrado pela direita como um exemplo (Dualde disse publicamente que esse é o modelo que ele gosta). No Chile, passa a mesma coisa que no Brasil. O governo e a direita advertem que se o modelo não é mantido acontecerá a mesma coisa que na Argentina – enquanto que a realidade é que a crise econômica e a violência social argentinas são consequência da aplicação “a ferro e a fogo” do programa do grande capital transnacional, que com diferentes variantes vem sendo aplicado em nossos países e em quase todo o mundo.

O movimento sindical deve desenvolver o seu próprio ponto de vista e suas próprias propostas e encontrar a forma de chegar com isso ao conjunto dos companheiros.

A luta ideológica foi o eixo central em toda esta etapa. O modelo neo-liberal se impôs porque muitos trabalhadores e amplos setores da população acreditaram que o mesmo era o melhor e, pelo menos, o único possível. Isto, junto ao temor de

perder o trabalho, fez com que muitos companheiros aceitassem resignados.

A divisão do movimento operário argentino é outro fator de desinformação, já que impede unificar e centralizar também a informação.

Divisão e Organização Sindical

Com relação ao governo Menem surgiram duas respostas opositoras dentro do movimento operário: a CTA e o MTA. Mas, apesar de que se afirma a unidade de ação, a mesma apenas é concretizada.

A divisão só pode ser superada se há luta política e ideológica. A discussão e a participação não dividem, mas, fortalecem.

Há que se romper com as práticas do passado, como acreditar que se é dono da verdade. Falta convivência política, mas devemos ter cuidado com a política partidária. Os Sindicatos não podem seguir funcionando do mesmo jeito e devem mudar. Hoje muitos Trabalhadores seguem afilados na marra só porque existe a “Obra Social” ou o “Hotel do Sindicato”.

Como aconteceu no Brasil, durante a década de 80, na Argentina faz falta uma profunda transformação do movimento sindical.

É preciso disputar a direção dos Sindicatos, superando todas as dificuldades: pequena participação, perseguições, etc. Muitos dirigentes se confundem com um discurso crítico, enquanto dão aval na prática aos planos do capital. Foram apresentados casos onde a unidade para recuperar o Sindicato e resistir foi possível. Um caminho foi procurar as coisas que unem,

buscar pontos comuns que permitam construir acordos com outros setores opositores.

Há um divórcio muito grande entre os dirigentes e o povo. Em nenhum Sindicato, trabalham. Há muitos que não possuem nenhuma representatividade e por isso se acertam com os patrões porque são aqueles os únicos que lhes dão legitimidade.

Faz falta uma análise mais profunda que explique a situação do movimento sindical, que supere a discussão sobre os dirigentes e procure os fatores estruturais, ideológicos e econômicos que afetaram aos Trabalhadores. Falta também analisar como construir sob condições repressivas e de temor ao desemprego.

Há que quebrar com o conceito de delegação e avançar nas formas de democracia direta, especialmente num momento onde não há quadros e é necessário formar novos.

A assembléia é a melhor ferramenta participativa, formativa e de democracia sindical.

No Chile, a baixa politização e consciência da base é uma fonte de grande debilidade para os Sindicatos. Como Sindicato, temos a representação dos Trabalhadores e falamos em seu nome, mas daí a conseguir mobilizá-los há uma distância. Por outro lado, a parte dos sindicalizados é minoritária e o desafio é como organizar o conjunto dos Trabalhadores. Temos que brigar menos entre nós e não perder de vista quem é o nosso inimigo. Não delegar a construção da nossa força e a defesa de nossos interesses no estado.

O medo do desemprego nos limita muito. Há ceticismo em amplos setores. Não reverter a redução salarial desmoralizou. Muitos companheiros participaram das mobilizações dos dias 19 e 29, mas isso não refletiu na participação sindical que segue sendo muito baixa. A situação geral de mobilização não se reflete nos locais de trabalho.

Em muitas lutas sindicais a força veio da relação com a comunidade. Há que procurar a unidade na ação e desenvolver um pensamento próprio.

Os setores críticos e combativos devem quebrar esquemas e aproveitar todos os espaços para que tenham outro conteúdo, atingir muitas pessoas e disputar a direção. Muitos criticam a CTA, mas não reconhecem que lá sim se pode disputar a direção.

Há que se combinar as reivindicações políticas com as demandas concretas, já que é assim que se constrói. Nesse sentido o debate sobre os planos “Trabajar” foi saldado na prática. Lutar para obtê-los permitiu mobilizar e organizar a milhares de desempregados.

Os Sindicatos devem levantar com energia a bandeira da liberdade de Alí e de todos os lutadores presos e lembrar e prestar homenagem aos que caíram. Com medidas concretas como enviar fax e cartas solidárias ou colocar nos locais sindicais e de trabalho placas que relembrem os mártires das jornadas de dezembro e organizando campanhas. É necessário assumir e defender a todos por igual sem especulações nem sectarismos.

Com relação à construção sindical hoje nos locais de trabalho, em meio às condições repressivas por parte das

empresas e também dos próprios Sindicatos o medo do desemprego e da demissão que obrigam a tomar precauções extremas. É fundamental o trabalho sobre a consciência dos companheiros. Os companheiros devem discutir política e decidir. Há que enfrentar uma forte ofensiva ideológica da patronal, mas também velhos conceitos que nos fazem mal como o da delegação, pela qual o delegado é o que deve solucionar os problemas e conseguir benefícios para os companheiros.

Solidariedade e Luta Internacional

Deve-se avançar na construção efetiva da solidariedade internacional dos que lutam superando a falta de trabalho e a cumplicidade dos grandes aparelhos sindicais internacionais.

A necessária articulação das lutas a nível internacional choca contra fortes orientações nacionalistas-protecionistas presentes entre os Trabalhadores e nos Sindicatos. Essa visão leva a priorizar os acordos com as patronais locais e a competir com os Trabalhadores de outros países. Devemos estudar como resolver essa contradição.

É necessário chamar a atenção sobre a ameaça da ALCA e realizar um forte trabalho de denúncia e divulgação entre o conjunto dos Trabalhadores, já que se entre os dirigentes começa a ser conhecido o assunto e já aconteceram algumas declarações, na base é algo pouco conhecido e não há consciência sobre os tremendos efeitos negativos que a aprovação desse tratado de livre comércio trará a nossos países e em especial à população trabalhadora.

Diante da ameaça da ALCA é correto defender o Mercosul.

Saída da Crise e Papel dos Sindicatos

Existe um fracasso e desprestígio total: partidos tradicionais, sindicatos, Estado, empresários. Embora não conseguimos disputar a direção da maioria dos Sindicatos, existe uma situação favorável para a construção de uma direção classista.

O que agora está em discussão é um modelo que falhou. E se este não serve então outro é possível. Mas se deve procurar uma resposta do conjunto.

Houve ausência das organizações sindicais e dos seus dirigentes durante o levante popular de dezembro, colocando em dúvida se os Sindicatos são um instrumento válido para a luta política que está colocada neste momento.

É falsa a oposição entre objetivos políticos e demandas concretas (Plano “Trabajar”, por exemplo). Deve-se dar respostas às necessidades e preocupações mais imediatas das pessoas. Há que tratar de conseguir reivindicações parciais porque as mesmas acumulam para a luta pelo fato de mudar a situação geral.

A saída da crise é um governo dos trabalhadores, mas essa tarefa não pode ser realizada só pelos Sindicatos. O eixo da luta sindical hoje passa por defender o trabalho e resistir à redução salarial, mas ao mesmo tempo é necessário quebrar a concepção de conciliação de classes e o pensamento que afirma que governar é coisa para outras pessoas.

Nestes momentos, o Sindicato não é o âmbito de encontro e unidade de toda a classe. Faz falta uma nova organização da classe e uma política própria.

Os objetivos básicos do Sindicato são defender a estabilidade, obter convênios favoráveis e atender socialmente aos sócios. O movimento sindical tem limites e a forma de resolver a crise atual é política. Mas o surgimento de uma alternativa política dos Trabalhadores vai se dar quando exista recuperação da identidade de classe.

O setor mais dinâmico atualmente é o movimento de desempregados. Por isso, deve-se avançar na aliança com eles.

Apesar da escassa participação do movimento sindical do levante popular 19/20, o mesmo foi resultado de um longo processo de denúncias e resistências no qual o movimento sindical opositor teve muito a ver. Há havido lutas e novas formas de luta. O levante popular não pode ser entendido sem levar em consideração as lutas prévias de Trabalhadores e Sindicatos.

A recomposição da força dos Trabalhadores é, primeiro, política e depois sindical. O mais urgente, portanto, é a construção de um projeto político. Alternativa política e reestruturação sindical andam de mãos dadas. Os distintos modelos sindicais expressam projetos políticos prévios.

Diante da crise, a tarefa é construir uma alternativa de governo. O movimento sindical é apenas uma parte do movimento operário, que é quem expressa os interesses históricos da classe trabalhadora. Na Argentina, o movimento operário não é a coluna vertebral nem o cérebro do movimento popular. Falta organização

autônoma da classe. A tarefa é construir poder popular com a política de Frente Única pela base. Formar órgãos ágeis de discussão e direção política. Se não há saída popular para a crise vá ocorrer outra com repressão e mais exploração. Agora não há tempo de reestruturar o movimento sindical. A saída é política e não sindical.

Faz falta uma plataforma mínima em torno dos direitos democráticos e das necessidades básicas. É necessário intervir com colocações claras, que permitam obter algumas conquistas concretas. O movimento sindical não deve ficar só na reivindicação. Deve oferecer seus locais aos distintos setores mobilizados.

Ninguém dirige tudo e todos dirigem uma parte. Por essa razão, há que buscar formas de coordenação e unidade.

A recuperação de um sindicalismo independente, solidário e democrático é necessária para a construção de um projeto político dos Trabalhadores.

A política existe nos Sindicatos, mas não deve ser o principal, senão a luta de reivindicação. Os Sindicatos devem acompanhar as lutas que estão sendo travadas. Foi correto ir com as bandeiras nos dias 19 e 20 como alguns o fizeram. Agora devemos participar das Assembléias Populares.

Há que unir todas as forças possíveis. Eles têm o poder, mas não a governabilidade. Temos que bater no poder econômico e não somente nos políticos.

Os Trabalhadores dos outros países do Cone Sul estão olhando para a Argentina. O que aconteça aqui influenciará muito também no seu destino. É necessário armar redes solidárias para

o que possa vir acontecer. Argentina está mudando e daqui surgirão muitas coisas novas, novas experiências de organização, novos dirigentes.

Independência de Classe e Projeto Político dos Trabalhadores

Diante do sucateamento do estado e do aparelho produtivo argentino e a falta total de autonomia diante dos organismos internacionais parece cada vez mais difícil recuperar o tipo de inserção que tinha antigamente a Argentina e resulta evidente a ausência de um projeto alternativo e com credibilidade para oferecer, a partir dos Trabalhadores, como saída para a crise. A proposta de CTA coloca a redistribuição da riqueza e Moyano, uma volta a 1945/55. O que faz falta é uma alternativa ao sistema capitalista.

É possível tomar e resgatar aspectos do modelo do primeiro governo de Perón, sem que isso signifique “voltar” a 1945.

Qualquer que seja o projeto levantado pelos Trabalhadores, até o mais reformista, precisa de uma força independente da classe trabalhadora para poder implementá-lo.

Faz falta uma alternativa política que dê resposta a todas as lutas. A CTA abandonou o projeto original de uma Proposta Política dos Trabalhadores (PPT) e isso se deve ao fato que, do mesmo jeito que acontece com a CGT e o MTA, não se tem uma visão classista que os faça ver a necessidade de um projeto próprio.

A crise é também nossa já que não podemos dar respostas efetivas diante da situação atual. Assim, por exemplo, houve expectativas de reativação com a desvalorização, mas como não temos poder de intervenção os empresários procuraram outra volta para seu exclusivo benefício.

As alianças que se implementaram com setores empresariais, a partir de todas as centrais sindicais, carecem de acordos concretos que contemplem os interesses dos Trabalhadores, como condições de trabalho, estabilidade, salário, etc.

Há pouca autocrítica. Vê-se a crise no outro e não no próprio. Falta vontade unitária quando se começa dividindo. Precisamos entender o que ocorre e não aquilo que queremos que ocorra. Na CTA, faltam outras consignas que nos unam como classe, além do seguro de emprego e o FRENAPO.

Há que incluir nas denúncias a exploração e começar a definir um programa dos Trabalhadores. Para isso, teríamos que organizar um encontro programático, bem organizado, de sindicatos classistas.

Os Sindicatos devem ter definições estratégicas, por exemplo, se definirem como anti-capitalistas e não devem se restringir apenas a efetuar reivindicações.

A CTA tem seu projeto: Novo Pensamento e FRENAPO, mas além das críticas que essas propostas merecem isso não é suficiente.

Falta uma orientação política, mas, não pode ter um só referencial. Há que socializar as experiências significativas. Há que definir alguns eixos e ouvir aos que vão aderindo. Setores de esquerda existem muitos, mas quais são os significativos? Há que

recuperar outras experiências como, por exemplo, a do peronismo revolucionário.

Muitos grupos de esquerda quando ganham um Sindicato lançam de lá um movimento e não se pode acreditar em acumular desde um único lugar.

Para construir uma alternativa política dos Trabalhadores há que terminar com as experiências de frentes de aparelhos partidários da esquerda, armados pela urgência das eleições.

Nesse sentido também é necessário conhecer e analisar a experiência dos companheiros de PIT-CNT com a Frente Ampla no Uruguai e a da CUT com o PT no Brasil.